

Senhora das Tempestades

Poesia e Libertação do Homem

Vítor Aguiar e Silva

JULGO QUE NUNCA, COMO HOJE, ENTENDI A sabedoria do conselho aforismático da retórica clássica que reza: «*Sê breve e agradarás*». Que as minhas palavras possam ser acolhidas com agrado ao menos pela brevidade... E não sei mesmo se a uma retórica da brevidade não seria possível uma retórica do silêncio, porque um livro de grande poesia não necessita de ser apresentado: ele é uma presença real, ele é uma presença absoluta.

No dia 3 de Maio de 1996, num auditório da Universidade Católica, em Viseu, repleto de estudantes, vivi uma das mais sortílegas experiências e emoções estéticas da minha vida.

Ao encerrar um colóquio sobre a sua obra literária, Manuel Alegre leu alguns dos seus mais belos poemas, em alternância com essoutro príncipe da arte de ler/dizer que é José Manuel Mendes. Como fecho das suas leituras, Manuel Alegre, cansado e comovido, anunciou que, em sinal de gratidão por tudo quanto representara aquele colóquio-homenagem, iria ler, excepcionalmente, um poema seu inédito, intitulado *Senhora das Tempestades*. A sua voz grave, profunda e harmoniosa, ganhou modulações, sutilezas e ressonâncias extraordinárias. Falou do espanto e do pavor de viver e morrer, de navegações e naufrágios, de sombras e fulgurações, de esperanças, ternuras e desejos, de epifanias deslumbrantes das sílabas, palavras e versos...

A *Senhora das Tempestades*, ambigualmente celestial e demoníaca, salvífica e letal, esplendorosa e sombria, fascinante e formidanda, convocada em apóstrofes de litúrgica solenidade e ritmos encantatórios, ergueu-se ante nós, habitou aquele espaço, adejou na nossa imaginação, resplendeu nos nossos olhos embaciados de lágrimas... Como as gentes de Ravenna, vendo Dante passar, melancólico, nas ruas, diziam com temeroso espanto que aquele era o homem que caminhara pelo Inferno e dele regressara, assim eu me dizia, comovido e deslumbrado, que aquele era o poema de quem avistara o rio da morte,



sentira o bafo do infernal barqueiro e miraculosamente tinha regressado à vida, salvo pelos taumaturgos da medicina tecnológica contemporânea...

E pensei que esta experiência de sofrimento, pavor, agonia e ressurreição do corpo, podia ser vivida por qualquer mortal, mas que só um grande poeta a podia apresentar e transfigurar na alquimia do canto, na música das vogais e consoantes, no ritmo do verso, na arquitectura do poema, exorcismando o horror do sofrimento e da morte, impondo ao horror do sofrimento e da agonia uma forma, um *número*, isto é, no significado etimológico desta palavra, cadência, harmonia e ritmo.

O poema que eu ouvia, lido pelo autor real indissociável do *eu* lírico que se inscrevia no texto — «*escreverei para ti o poema mais triste*», «*Senhora que me dóis em todos os sentidos*» —, nascera da experiência dramática da finitude, da precariedade e do irrevogável destino mortal do homem, mas transcendia, exactamente como poema e porque poema, o seu étimo vivencial de dor, desolação e desastre, proclamando meta-poeticamente o triunfo esplendoroso da arte sobre a miséria e a efemeridade da condição humana...

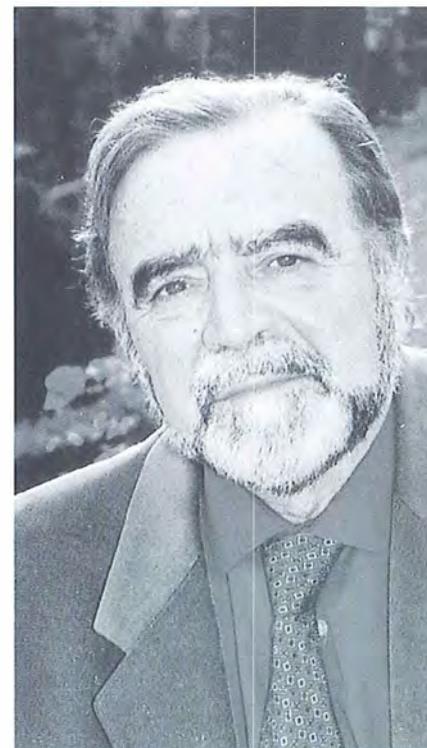
Com efeito, *Senhora das Tempestades* não é apenas a ode do amor e da morte, da esperança e do pavor, das navegações e dos naufrágios, das fulgurações e dos eclipses de que é urdido o frágil fio da vida humana, mas é também a proclamação jubilatória de que o poema liberta o poeta do «*princípio mortal*» da sua humanidade, desvelando horizontes de redenção e eternidade.

O poema que ouvi ler, naquele fim de tarde em Viseu, foi a célula nuclear e agregadora a partir da qual se constituiria este novo livro de Manuel Alegre, tanto quanto me é dado perscrutar o processo de génica textual que nele se plasmou.

Os poemas deste livro são uma navegação inquieta pelos rios e mares da vida e da morte, são uma demanda do ser e do não ser, são uma pescaria simbólica de signos, de sentidos, de presenças e de ausências, são uma *peregrinatio ad loca incerta*, são a cartografia de um errante Ulisses sem a Ítaca segura e familiar aonde regressar... Por isso, invoquei Elsenor no título do breve prefácio que tive a ousadia de antepor a tão fúlgido poemário. Elsenor — o lugar mítico do imaginário ocidental pós-shakespearino, o teatro onde se representa a tragédia da ausência e da presença, da mentira e das dúvidas mortais, do sentido e do absurdo da vida...

Nos poemas de *Senhora das Tempestades* avulta uma dimensão reflexiva, meditativa, interrogativa, de problematização antropológica e cosmológica, que aprofunda, intensifica e depura estratos semânticos fundamentais da anterior obra poética de Manuel Alegre que têm sido ocultados ou embaciados pela força apelativa e pela sedução do discurso da sua poesia de resistência cívica, de índole épica, épico-lírica e satírica. Penso, sobretudo, nos significados múltiplos, dramaticamente indecidíveis, dos poemas de Manuel Alegre com génese e estrutura mítico-simbólica em torno de Ulisses, de D. Sebastião e do *português errante*, uma das grandes criações mitogónicas da poesia portuguesa de todos os tempos. É nesses estratos semânticos que a poesia de Manuel Alegre se depura e complexifica, num lirismo melancólico, angustiado e trágico, em que se afirma como derradeira e suprema catarse do sofrimento humano a escrita poética do mundo. O *Promeu* de Manuel Alegre, na sua lógica profunda, integra o mito de Orfeu.

Com efeito, atrever-me-ia a dizer, recuperando um conceito da já distante psicocrítica dos anos sessenta, que o mito pessoal de Manuel Alegre é, como *Jamus*, bifronte, com um rosto



órfico e com um rosto prometaico, e que é esse rosto bifronte o grande segredo e o grande fascínio da sua poesia: Orfeu não se clausura aristocrática e esterilmente no seu canto; Prometeu não se esgota no ímpeto, na violência e na tortura do seu desafio e da sua revolta. Um e outro sabem que o canto poético e a libertação do homem são um desígnio radicalmente comum e

indissociável, numa aventura intérmina como a navegação de Ulisses. E é por isso, contra o juízo apocalíptico de Adorno, que é absolutamente necessário que haja poetas e que haja poesia depois de Auschwitz.

Sem a poesia de Manuel Alegre todos nós seríamos mais pobres, mais infelizes, menos livres...

SENHORA DAS TEMPESTADES

*Senhora das tempestades e dos mistérios originais
quando tu chegas a terra treme do lado esquerdo
trazes o terramoto a assombração as conjunções fatais
e as vozes negras da noite Senhora do meu espanto e do meu medo.*

*Senhora das marés vivas e das praias batidas pelo vento
há uma lua do avesso quando chegas
crepúsculos carregados de presságios e o lamento
dos que morrem nos naufrágios Senhora das vozes negras.*

*Senhora do vento norte com teu manto de sal e espuma
nasce uma estrela cadente de chegares
e há um poema escrito em página nenhuma
quando caminhas sobre as águas Senhora dos sete mares.*

*Conjugação de fogo e luz e no entanto eclipse
trazes a linha magnética da minha vida Senhora da minha morte
teu nome escreve-se na areia e é uma palavra que só Deus disse
quando tu chegas começa a música Senhora do vento norte.*

*Escreverei para ti o poema mais triste
Senhora dos cabelos de alga onde se escondem as divindades
quando me tocas há um país que não existe
e um anjo poisa-me nos ombros Senhora das Tempestades.*

*Senhora do sol do sul com que me cegas
a terra toda treme nos meus músculos
consonância dissonância Senhora das vozes negras
coroada de todos os crepúsculos.*

*Senhora da vida que passa e do sentido trágico
do rio das vogais Senhora da litúrgica
sibilação das consoantes com seu absurdo mágico
de que não fica senão a breve música.*

*Senhora do poema e da oculta fórmula da escrita
alquimia de sons Senhora do vento norte
que trazes a palavra nunca dita
Senhora da minha vida Senhora da minha morte.*

*Senhora dos pés de cabra e dos parágrafos proibidos
que te disfarças de metáfora e de soprar marítimo
Senhora que me dóis em todos os sentidos
como um ritmo só ritmo como um ritmo.*

*Batem as sílabas da noite na oclusão das coronárias
Senhora da circulação que mata e ressuscita
trazes o mar a chuva as procelárias
batem as sílabas da noite e és tu a voz que dita.*

*Batem os sons os signos os sinais
trazes a festa e a despedida Senhora dos instantes
fica o sentido trágico do rio das vogais
o mágico passar das consoantes.*

*Senhora nua deitada sobre o branco
com tua rosa dos ventos e teu cruzeiro do sul
nascem faunos com tridentes no teu flanco
Senhora de branco deitada no azul.*

*Senhora das águas transbordantes no cais de súbito vazio
Senhoras dos navegantes com teu astrolábio e tua errância
teu rosto de sereia à proa de um navio
tudo em ti é partida tudo em ti é distância.*

*Senhora da hora solitária do entardecer
ninguém sabe se chegas como graça ou como estigma
onde tu moras começa o acontecer
tudo em ti é surpresa Senhora do grande enigma.*

*Tudo em ti é perder Senhora quantas vezes
Setembro te levou para as metrópoles excessivas
batem as sílabas do tempo no rolar dos meses
tudo em ti é retorno Senhora das marés vivas.*

*Senhora do vento com teu cavalo cor de acaso
tua ternura e teu chicote sobre a tristeza e a agonia
galopas no meu sangue com teu catéter chamado Pégaso
e vais de vaso em vaso Senhora da arritmia.*

*Tudo em ti é magia e tensão extrema
Senhora dos teoremas e dos relâmpagos marinhos
batem as sílabas da noite no coração do poema
Senhora das tempestades e dos líquidos caminhos.*

*Tudo em ti é milagre Senhora da energia
quando tu chegas a terra treme e dançam as divindades
batem as sílabas da noite e tudo é uma alquimia
ao som do nome que só Deus sabe Senhora das tempestades.*

(Lisboa/Nice/Lisboa, Março, 1996)

FOZ DO ARELHO (OU PRIMEIRO POEMA DO PESCADOR)

*Este é apenas um pequeno lugar do mundo
um pequeno lugar onde à noite cintilam luzes
são os barcos que deitam as redes junto à costa
ou talvez os pescadores de robalos com suas lanternas
suas pontas de cigarro e suas amostras fluorescentes
talvez o Farol de Peniche com seu código de sinais
ou a estrela cadente que deixa um rastro
e nada mais.*

*Um pequeno lugar onde Camilo Pessanha voltava sempre
talvez pelo sol e as espadas frias
talvez pela orquestra e os vendavais
ou apenas os restos sobre a praia
«pedrinhas conchas pedacinhos d'osso»
e nada mais.*

*Um pequeno lugar onde se pode ouvir a música
o vento o mar as conjunções astrais
um pequeno lugar do mundo onde à noite se sabe
que tudo é como as luzes que cintilam
um breve instante
e nada mais.*

(Foz do Arelho, 8. 8. 96)

SEGUNDO POEMA DO PESCADOR

*Pescando robalos no meio do canal
a lua de quarto deslocando-se lentamente
as areias cintilantes e as estrelas
cadentes que brilham de seu próprio apagamento
respiro o iodo o sal o vento
o cheiro da salsugem e penso que tudo não é senão o que já não é
e que o momento em que isto digo
é já outro momento.*

*Por isso quando vou à pesca eu não vou só à pesca
procuro o peixe e o sentido ou talvez a ausência dele
toda a minha atenção se fixa e se concentra
há um robalo que não há e que só eu pressinto
não é ciência nem técnica é algo mais
de pé no meio do canal
lançando e recolhendo a linha
como quem escreve sobre as águas
a mesma pergunta interminavelmente
enquanto caem estrelas e as palavras
como elas fulguram em seu arder.*

*Porque tudo não é senão uma iridescência
um fósforo que o vento apaga com seu açoite
ou o sopro de Deus e sua ausência
um fogo fátuo na areia e o breve brilho
de um cigarro na noite.*

(Foz do Arelho, 19. 11. 96)

TERCEIRO POEMA DO PESCADOR

*Sou apenas a cinza de uma estrela
um viajante de passagem
o rastro de uma bola de fogo arrefecida
um resto
neurónios nervos músculos ossos células
matéria perecível transformável
um bípede de fala e de guitarra
carregado de versos e metáforas
um metro e setenta e cinco de um planeta condenado
amanhã não serei senão uma faísca*

*um relâmpago na noite
uma faúlha
a sombra de uma sombra ou outra forma de energia
sou o último som de uma última sílaba
uma fórmula um acto uma alquimia
um desastre de Deus na escuridão do além
rosto nenhum corpo de nada
ou talvez a lágrima luminosa
de ninguém.*

(Lisboa, 31. 12. 96)

QUARTO POEMA DO PESCADOR

*Sei agora que Deus rola nas ondas
vem na última onda ei-lo na espuma
é reflexo brilho incandescência.
Se vou à pesca é para o procurar
se lanço a linha é para ver se o pesco
quando pesco um robalo eu pesco Deus
e é com ele que falo em frente ao mar
ele é o seixo a alga o vento leste
a nuvem que lentamente cobre a lua
ele é a minha dispersão e a minha comunhão
o fragmento de estrela que se vê ainda
a tainha que salta
ele é o grão de areia e a imensidão da noite
o finito e o infinito
vai na corrente corre-me no sangue
não sei que nome dar-lhe
digo Deus
ele é o laço que me prende e me desprende
o que palpita em mim e o que em mim morre
vem na sétima onda e bate no meu pulso
ele é o aqui o agora o nunca mais
a morte que está dentro
rola na onda*

*bate na sétima costela do meu corpo
chamo-lhe Deus porque ele é o tudo e é o nada
eternidade que não dura sequer o eu dizê-la
ei-lo na espuma na lua no reflexo
de repente um esticão a cana curva-se
é talvez um robalo de seis quilos
isto é a pesca
o meu falar com Deus ou com ninguém
sozinho frente ao mar:
Ele é o vento a noite a solidão
o robalo que luta contra a morte
e é a minha ligação magnética com Deus
esse umbigo do mundo
que rola sobre as ondas e cai do firmamento
com sua espuma e sua luz e sua noite
chamo-lhe Deus porque não sei como chamar
ao meu ser e não ser
de noite junto ao mar
quando regulo a amostra e sua fluorescência
pescando robalos
ou talvez Deus
e sua ausência.*

(Lisboa, 8. 12. 96)